

33

A estrada de luz

Quando o primeiro homem desceu aos vales e aos montes da Terra, sentiu que a miséria lhe entravava todos os passos. Entristecido, ante a contemplação de pântanos e desertos, voltou, receoso, ao Trono do Senhor e rogou em voz súplice:

— Pai misericordioso, compadece-te de mim! A indigência persegue-me, socorre a minha extrema pobreza!...

E o Todo-Bondoso, prometendo-lhe proteção e carinho, recomendou-lhe o trabalho das mãos.

O homem tornou à gleba escura e triste e agiu, corajosamente.

Improvisando utensílios rústicos, distribuiu as águas, drenou os charcos, selecionou as plantas frutíferas e conseguiu edificar o primeiro ninho doméstico.

Instalado, porém, na casa simples, reconheceu que a ignorância lhe ensombrava a imaginação. Amedrontado com as inibições espirituais que o sufocavam, regressou ao Céu, implorando:

— Senhor, Senhor, minha cabeça jaz em trevas... Auxilia-me! Dá-me claridade ao entendimento!...

E o Todo-Sábio, reafirmando-lhe o seu amor infinito, aconselhou-lhe o trabalho do pensamento.

Atendendo a indicação, o homem passou a observar com redobrada paciência os fenômenos que o cercavam, adquirindo preciosas lições da Natureza e criando, com o esforço próprio, os primeiros livros de pedra.

Ilhado, todavia, em tarefas e estudos, experimentou o anseio de exteriorizar-se e voar... A solidão amargava-lhe o espírito. Aspirava à comunhão com os outros seres, anelava penetrar os segredos do firmamento. Depois de muitas lágrimas, retornou ao Paraíso e pediu em pranto:

— Pai, estou sozinho... Ampara-me! Ajudame a fugir do cárcere de mim mesmo!...

O Todo-Poderoso, afagando-lhe a fronte, abençoou-lhe a presença e receitou-lhe o trabalho dos sentidos.

O homem, surpreso, mobilizou os recursos dos olhos e dos ouvidos e, contemplando as estrelas luzentes, mirando as flores, auscultando a beleza das pedras e dos metais e ouvindo as vozes das fontes e dos ventos, descobriu a arte, em cuja companhia pôde afastar-se do mundo, em espírito, na direção das Esferas Superiores.

Rodeado de enorme descendência, passou a ser visitado pelo cortejo de variadas enfermidades. Espantado com a ruína física dos filhos e dos netos, recorreu, aflito, ao Senhor, suplicando, lacrimoso:

— Pai Amado, as moléstias devastam-me a casa... Que será de mim? Assiste-nos com a tua compaixão!...

O Todo-Amoroso sorriu, compassivo, reiterou-lhe a promessa de auxílio e recomendou-lhe o trabalho do raciocínio.

Examinando detidamente as plantas e os minerais, o homem conseguiu a formação de numerosos remédios para combater as doenças que o vergastavam.

Mais tarde, com o aprimoramento da paisagem e com a prosperidade dos seus bens, foi assaltado por diversas tentações. A inveja, o orgulho e a vaidade sopravam-lhe aos ouvidos os mais estranhos projetos.

Aflito, procurou o Trono Divino e solicitou, amargurado:

— Senhor, gênios perversos me atormentam a vida!... Fortalece-me contra a loucura!...

O Todo-Generoso acariciou-lhe a cabeça trêmula e indicou-lhe mais trabalho para a atenção.

O homem tornou à Terra imensa e procurou fugir de si mesmo, através da atividade incessante, instituindo novas colônias de serviço para a multiplicação das tarefas gerais, garantindo, com isso, a sua harmonia mental.

Dias rolaram sobre dias...

Depois de muitos anos, já encanecido, notou que os seus inúmeros descendentes surgiam irritados e desarmonicos, a propósito de inutilidades e ilusões. A discórdia armava entre eles perigosos abismos...

Torturado, o infeliz demandou a Casa do Senhor, mas reparou com surpresa que o Paraíso elevara-se além das estrelas...

Triste e cansado, orou em lágrimas ardentes.

O Todo-Compassivo não veio pessoalmente ouvir-lhe a súplica, mas enviou-lhe um mensageiro, aureolado de bondade e de luz, que lhe falou carinhosamente:

— Volta ao mundo, em nome do Senhor, e trabalha constantemente. Se teus filhos e netos se desentendem uns com os outros, dá trabalho ao teu coração, amando, perdando, servindo e ensinando sempre....

E porque o homem indagasse sobre a ocasião sublime em que lhe caberia repousar na companhia do Eterno Pai, o emissário respondeu, delicado e solícito:

— Vai e constrói. Segue e atende ao progresso. Avança, marcando a tua romagem com os sinais imperecíveis das boas obras!... O trabalho, entre as margens do amor e da reta consciência, é a estrada de luz que te reconduzirá ao Paraíso, a fim de que a Terra se transforme no divino espelho da Glória de Deus.

A escolha do Senhor

Conta-se que alguns apóstolos do bem tanto se ergueram na virtude que, pela extrema sublimação de suas almas, conseguiram atingir o limiar do Santuário Resplendente do Cristo.

Voltariam ao mundo, no prosseguimento da obra de amor em que se entrosavam, no entanto, convocados pelos poderes angélicos, poderiam excursionar felizes pelas vizinhanças do Lar Divino.

Bem-aventurados pela glória e pela bondade, constituíam provisoriamente no Céu toda uma assembleia de beleza e sabedoria.

Missionários ocidentais ostentavam dalmáticas imponentes, lembrando as instituições religiosas a que haviam pertencido, enquanto que os santos do Oriente exibiam túnicas lírias. Veneráveis sacerdotes das igrejas católicas e protestantes confundiam-se com patriarcas judeus e budistas. Admiráveis seguidores de Confúcio e insígnies devotos de Maomet entendiam-se uns com os outros.

Muito acima das interpretações humanas, tendentes à discórdia, alcançavam, enfim, a suprema união na esfera dos princípios.

Exornava-se cada um com a mensagem simbólica dos templos que haviam representado. Anéis, cruzes, báculos, auréolas, colares, medalhas e outras insígnias preciosas destacavam-se do linho e da púrpura, da seda e do ouro, faiscando ao sol em que se banhavam.